

Na nossa canção só a mulher é que peca?

Music

N. 24/11/83

por Inês Ananias e Paula de Abreu

Não iremos com estas nossas poucas linhas menosprezar a canção moçambicana, mas queríamos antes de mais analisá-la.

Temos acompanhado canções de vários artistas músicos moçambicanos e vimos que a maior parte delas só apontam os lados negativos da mulher.

É certo que alguns artistas expressam sentimentos por eles vividos. Mas é menos certo que situações de dissabores nos lares ou em qualquer área social sejam só provocadas pelas mulheres. Muitas vezes os homens, neste caso representados pelos músicos, consideram-se vítimas da incompreensão e das represálias das mulheres.

Nós sabemos que uma boa soma de problemas sociais é provocada também pelos homens. Alguns até têm atitudes machistas. A mulher, nesta etapa histórica que ainda estamos a viver, às vezes levanta questões abandonando o lar, tomando atitudes que lhe parecem mais viáveis para a resolução do problema ou de repúdio de vexames de que é vítima por parte do seu companheiro.

O homem, para não se mostrar arrependido e confessar publicamente, cantando, neste caso, limita-se a fazer uma composição em que se revela

vítima das atitudes da mulher. Porque os músicos não fazem igual número de composições a criticar o comportamento negativo de certos homens que desencaminham ou pelo menos são cúmplices de certas atitudes das mulheres?

Exemplos sobre as canções que só criticam as mulheres temos nós. Vejamos:

1. «LOKU UDJULA KUTCHATA NA VICENTE» (Se queres casar com o Vicente), do famoso Vicente Machava. Pois é Vicente!!! Chamas a atenção da Celina para o cumprimento dos conselhos dos pais dela. Os Vicentes são neste caso todos aqueles homens pachorrentos e passivos que nascem bem educados e que agora têm medo das Celinas com mau comportamento.

Os Vicentes não precisam dos conselhos dos pais? Quem são aqueles que fazem «Pst» nas ruas quando as Celinas passam?

Este é mais um músico que mostra que os problemas do lar só podem vir do lado da Celina «que não obedece aos conselhos dos pais».

2. «UAHIDANISSA, MAMANA UA PAPAITO»: Então senhor Alexandre Langa, acha que as mulheres que andam com os papaitos nos bares e cervejarias formam uma sociedade à parte?

Por que não falam dos homens que

saem de casa deixando menores e vão gastar dinheiro nas tascas? Con vêm seguir de vez em quando o exemplo de Xidiminguana em «TSI-KETA KU THLANGA HI MALE».

3. «WATCHAVA KU RIMA»: Mais uma vez a mulher é artista principal da história do êxodo rural para a cidade. É a mulher que é promotora da propaganda da vida da cidade!!! Até conseguiu mobilizar uma velha de Gaza para Maputo! Esta é a surra do Xadreque.

4. O senhor Yana em «NWANYANA ANGALUMULA UANA WAKE» aborda uma questão social que é verdadeira. Mas para que esta tal rapariga possa eventualmente cair na situação anterior é preciso que haja comunhão de ideias com a outra parte (parte masculina).

Basta alguém escutar a nossa rádio para prolongar a lista de canções deste género.

Isto faz-nos lembrar certos casos em que a polícia entra nos bares ou outros estabelecimentos similares e aí só prende as mulheres acusando-as de prostitutas como se elas sós, sem a intervenção dos homens, fossem capazes de se prostituírem.

Não pretendemos com isto dizer que não há canções que façam críticas de atitudes negativas dos homens. Temos como exemplo a can-

ção «SIKUATANA NUNO, de Magide, que faz crítica aos rapazes que desencaminham jovens do sexo feminino para uma vida de moral incompatível com a sociedade que construímos. Não pretendemos que os músicos sejam apologistas só das virtudes da mulher; mas não caíam também no outro extremo de só mencionar os defeitos.

Nós estamos contra a maior incidência de críticas de atitudes negativas só sobre as mulheres, como se estas fossem «a origem de todos os males», desta sociedade.

A arte parte sempre de uma realidade da própria sociedade dos artistas mas não se justifica que essas realidades sejam somente espelhadas pela mulher.

Certas atitudes de artistas músicos ao abordarem factos reais podem tornar-se em pontos negativos e em vez de pôr a mulher numa situação que contribua para a sua emancipação, põem-na como ré pública. Isto é de veras desmobilizador.

Tentamos com estas passagens fazer ver aos caros leitores até que ponto às vezes nos humilham os artistas músicos. E adiantamos que se nós estivéssemos no vosso lugar como homens e artistas, faríamos sentir a outros o orgulho da nossa mulher, a beleza da moçambicana, e ainda cantar os lados positivos dela.

Maputo, 18 de Novembro de 1983